

Pequenas totalidades

Pablo Capistrano

Pablo Capistrano é escritor e professor de filosofia. pcapistrano@hotmail.com

Não se sabe ao certo se Heráclito de Éfeso (filósofo da Jônia) pregou nas paredes do templo de Ártemis um texto contínuo ou apenas fragmentos. O fato é que foram apenas os fragmentos que sobraram e foram apenas os pedaços do pensamento daquele que era chamado de “o obscuro” que nos indicam a totalidade de suas idéias. O aforismo, como técnica de redação filosófica apresenta uma característica interessante. Ele reproduz a totalidade na parte. Ele reduz o universo ao pequeno e transforma o fragmento num cosmos. Esse movimento induz a noção de que “o que está em cima, é como o que está embaixo” unido a parte ao todo numa costura lingüística a um só tempo inquietante e espantosa.

No seu livro *Da Amizade* (editado pela 7LETRAS), o escritor carioca Francisco Bosco se apropria do aforisma para lançá-lo sob o pano de fundo de uma prosa poética que revela o lugar que a linguagem ocupa em nossa vida, humana, demasiado humana. Num livro que fala de livros, leitores, amor e amizade, Bosco reconstrói o paradoxo que Wittgenstein tornou claro no seu livro *Tractatus Lógico Philosophicus*. Só temos a linguagem para intermediar nossa relação com o mundo e, é essa mesma linguagem, que vai criar as grades que nos afastam desse mesmo mundo que queremos tocar amorosamente. A trajetória épica de um escritor diante do objeto de seu amor (*philia*- amizade): o livro; representa a trajetória de todos nós diante do instrumento que temos para nos aproximar da vida, para estabelecermos o vínculo de afinidade (*philia* – amizade) com o mundo: a linguagem. Se “a poesia é a periferia da língua” e escrever é “perder o corpo. Para a página” a relação que podemos estabelecer entre vida e linguagem centra-se no fato de que temos, na maioria das vezes, que dar forma ao mundo para que possamos estar nele. Se esse tipo de impressão é mais forte no escritor, talvez porque ele se posicione, perigosamente, na fronteira da linguagem, na periferia, no limiar. Os aforismos de Bosco nos presenteiam com essa consciência dos limites que o escritor perigosamente tem de conviver. Transformar esses riscos em uma narrativa, em *flashes* de pequenas totalidades, é uma das grandes virtudes do livro *Da*

Amizade; um verdadeiro passeio pela estrada tortuosa e rica que nos leva, da ansiedade da fala (“o escritor é um gago”) a materialização do amor pelo risco na forma de um livro (“6.os livros tem fundos falsos, como a cartola dos mágicos: 7. terminam aos poucos e depois, sob hesitações”).

Transitar entre esferas artificialmente separadas pelo “rigor” acadêmico exige coragem e confiança na força do próprio pensamento. Por isso o texto de Bosco se torna um artefato obrigatório para quem gosta de filosofia e poesia. Não há uma fôrma de linguagem que se imponha ao pensamento, a opção pelo aforismo, pelo diálogo, pela descrição biográfica, pelo poema, não são opções de menor peso na produção de textos filosóficos. Eles apontam para o fato de que o padrão da Metafísica de Aristóteles não é o único possível para quem quer produzir filosofia e teoria literária no Brasil. A opção de Bosco pela forma arquitetônica que nos presenteou com a mais fina reflexão do pensamento ocidental torna suas pequenas totalidades mais saborosas e nos permite planar pelas vastas e arriscadas fronteiras que constituem o caso de amor mal resolvido no ocidente entre a poesia, a filosofia e o sentimento do mundo.